

GT 4 – Arte, mídias e tecnologias digitais

### **Camadas visíveis e faladas: os retratos digitais de Hidreley Diao**

Thiago José Santos de Alcântara (UEMG)

#### **RESUMO**

O paulista Hidreley Diao tem notoriedade nas redes sociais, desde 2020, realizando retratos digitais que simulam o envelhecimento de artistas, a materialização natural de personagens da cultura popular, dentre outras criações, mediante a edição de imagens combinadas com o trabalho da inteligência artificial de aplicativos. Este estudo detalha esse processo e investiga a interação de Diao com jornalistas, uma consequência da sua popularidade. O exercício do artista se assemelha à realização de pinturas feitas com finas camadas, como a veladura a óleo. A imprensa se mostrou interessada no processo, mas de maneira sintética e repetitiva, solicitando ao artista a exposição de um conjunto de imagens, ainda que não analise minimamente essa obra. Palavras-chave: arte; retrato; aplicativo, redes sociais; jornalismo.

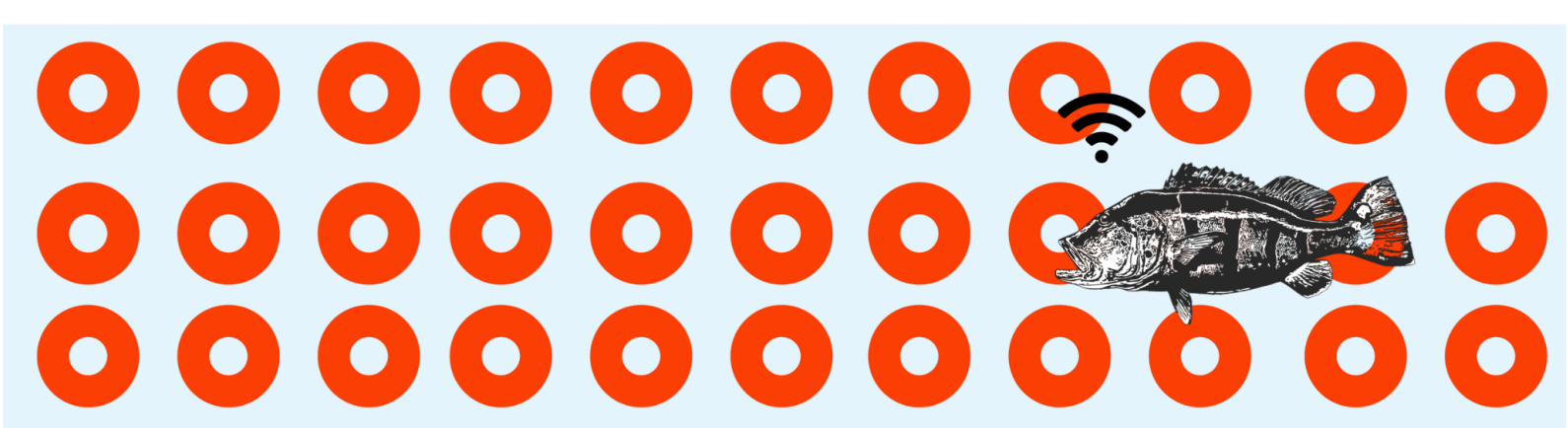
#### **ABSTRACT**

*Hidreley Diao, from São Paulo, has notoriety on social networks, since 2020, following digital portraits that simulate the aging of artists, the natural materialization of characters from popular culture, among other creations, through image editing combined with the work of the artificial intelligence of applications. This study details this process and investigates Diao's interaction with journalists, a consequence of his popularity. The artist's exercise is similar to making paintings made with thin layers, such as oil glazing. The press showed interest in the process, but in a synthetic and repetitive way, asking the artist to show a set of images, even without minimally analyzing this work.*

*Keywords: art; portrait; application; social media; journalism.*

#### **CAMADAS VISÍVEIS**

O artista paulista Hidreley Diao obteve e conserva notoriedade nas redes sociais e destaque na imprensa (inter)nacional, a partir de um exercício direcionado à manipulação digital de imagens autorais e apropriadas de fotógrafos, ilustradores ou de arquivos audiovisuais, desde 2020. Diao cria versões de celebridades das artes, da política, do esporte, dentre outras áreas com ampla visibilidade, por meio de retratos das suas faces, expondo o envelhecimento dessas personalidades quando elas faleceram na juventude, não fizeram uso de cirurgias plásticas, não usaram maquiagens sociais etc. Além disso, o artista também gera versões humanas de



personagens da cultura popular ou da história da arte (Figura 2), surpreendendo o público com séries que giram entorno do mesmo eixo temático, essas com numerosos exemplares e que apoiam a atualização quase diária do seu perfil no Instagram<sup>1</sup>, principal espaço para o compartilhamento da sua produção.

Figura 1 – Envelhecimento de Renato Russo e versões de He-man e Mona Lisa.



Fonte: Instagram Hidreley Diao ([www.instagram.com/hidreley](http://www.instagram.com/hidreley)), 2023.

Foi nessa rede social que o artista iniciou a divulgação do seu trabalho, que ele indica<sup>2</sup> ser, de modo muito prático, a combinação de imagens por meio do popular *software* profissional e pertencente ao Pacote Adobe, Photoshop, e de mais 3 aplicativos disponíveis para uso doméstico a partir de versões pagas ou gratuitas (com limitações), em lojas *on-line*: FaceApp, Remini e Gradient. Através desse exercício, Diao conseguiu mais de 340 mil seguidores, mas, também, presença em veículos da imprensa, dentro e fora do Brasil, disseminando a reprodução das suas imagens para públicos que não as conheceriam, necessariamente, através da sua rede social.

Foram consultadas 10 reportagens escritas de websites do Brasil e exterior<sup>3</sup>, ofertadas nas

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://instagram.com/hidreley>> Acesso em: 29 maio 2023.

<sup>2</sup> Informações de: <<https://youtu.be/0o420IHjEbw>> Acesso em: 29 maio 2023.

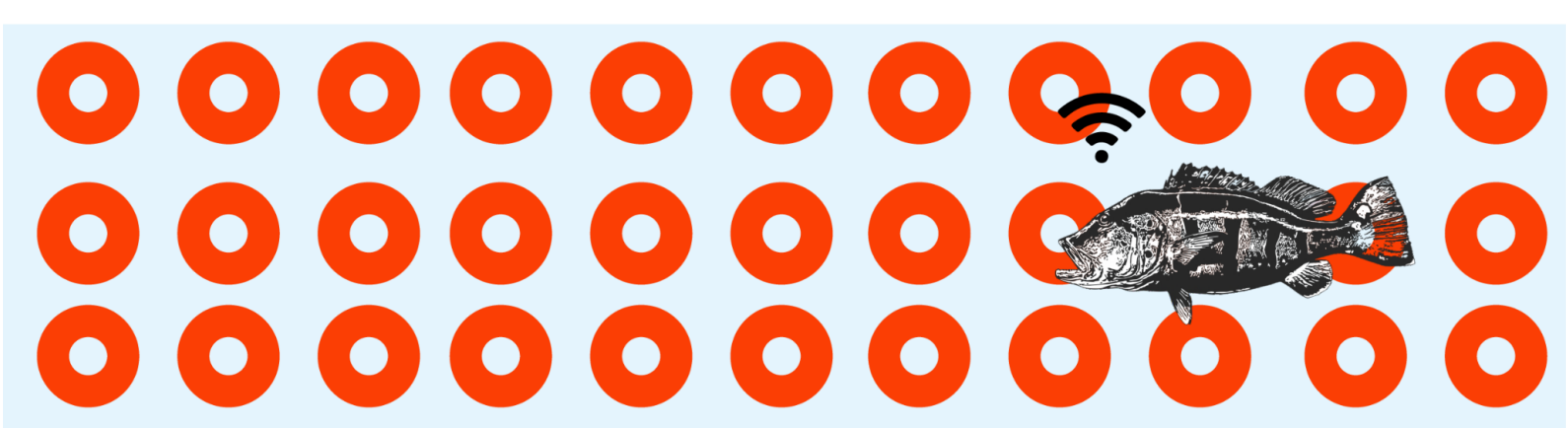
<sup>3</sup> Conforme estes exemplos:  
<<https://olhardigital.com.br/2022/02/25/internet-e-redes-sociais/artista-brasileiro-usa-inteligencia-artificial-para-recr-iar-rostos-de-personagens-historicos-e-da-cultura-pop/>> e  
< <https://nypost.com/2023/03/28/the-simpsons-characters-eerily-reimagined-as-human-in-ai-images/>> Acesso em: 29 maio 2023.



primeiras posições da busca orgânica do Google (o que implica em um bom desempenho do conteúdo perante o número de acessos). Nelas, o artista expôs o detalhamento do seu processo de trabalho, indicando que inicia a manipulação das imagens no Photoshop, dado aos amplos conhecimentos adquiridos anteriormente em fóruns e competições na *internet*, interessados nos tratamentos de imagens. Ele aponta que tais desafios eram capitaneados por ele. Já no aplicativo FaceApp, ele pode envelhecer as personalidades por meio de comandos baseados no uso da sua inteligência artificial, bem como alterar o estilo de seus penteados etc. Como o desempenho do aplicativo é limitado, ele combina os seus resultados com o aplicativo Gradient, quando deseja alterar as cores das peles dos modelos. Diao também faz uso do Remini para alterar os ângulos e a iluminação original, também utilizando as capacidades das inteligências artificiais. Entre todos esses momentos, há uma conservação das características iniciais e anteriores das imagens resultantes por meio de transparências aplicadas nas superfícies, essas que se somam por meio de sobreposições, conservando as informações existentes entre si.

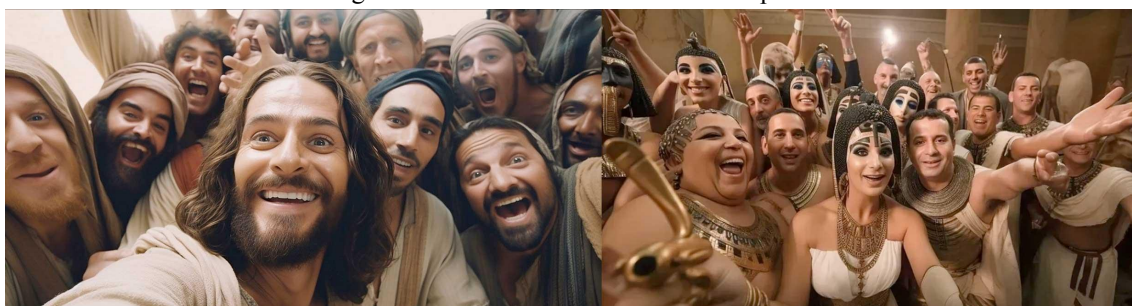
A descrição de tal processo apoia a sua associação à pintura a óleo, por meio da aplicação de finas camadas de tinta, como véus com transparências, para a obtenção das formas, cores, texturas e volumes nas superfícies. Trata-se da veladura, que tal o processo digital do artista, tem uma camada visível que é dependente de uma associação de outras superfícies de informação. Nas reportagens, não fica claro se o artista retorna ao Photoshop para otimizar os seus resultados, bem como se também volta os aplicativos para explorar melhor o desempenho dos comandos e as suas respostas automáticas, como um pintor a óleo pode retornar incessantemente à tela, já que a secagem da tinta é demorada e a massa de cor recebe a manipulação necessária tranquilamente, mesmo após alguns dias de intervalo (conhecimento comum à comunidade de pintores a óleo). Mas é provável que o artista tenha um fluxo livre e customizado para cada exemplar desenvolvido, pois ele próprio reitera as limitações das respostas das inteligências artificiais, quando é necessária fidelidade ao detalhamento da realidade.

Assim, é possível afirmar que um dos principais diferenciais do trabalho do artista é justamente a sua percepção da qualidade realista das anatomias e das suas consequentes proporções, componentes e iluminações. Essa diferenciação também é encontrada no trabalho de



outros artistas, recentemente, sendo importante expor que durante a realização desta pesquisa, ocorreu um aumento da divulgação dessas imagens na imprensa mundial, provavelmente pela popularização novíssima de sites como o Midjourney<sup>4</sup>, oportunidade que gera ilustrações a partir de orientações textuais, tendo essas melhor precisão anatômica e de ambientação do que era possível encontrar nos meses anteriores a esta redação. É exemplo dessa recente produção as criações do artista britânico Duncan Thomsen, que elaborou imagens de Jesus Cristo e seus apóstolos durante a Santa Ceia, realizando uma *selfie*, além de outras versões de personagens históricos como a Cleópatra, repetindo o mesmo modelo de fotografia (Figura 2).

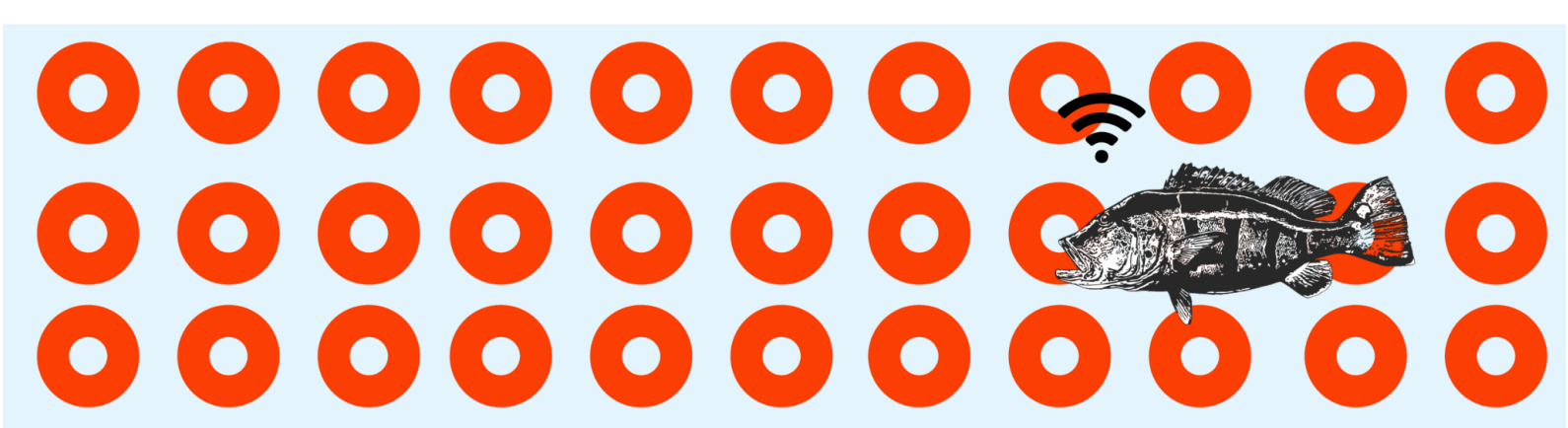
Figura 2 – Selfies de Jesus Cristo e Cleópatra.



Fonte: Twitter Duncan Thomsen (<https://twitter.com/DuncanThomsen>), 2023 (montagem do autor).

Pelo estímulo da ficcionalização de Thomsen, indaga-se que ao envelhecer o cantor paulista Chorão, falecido em 2013, o artista não considerou as marcas do uso de medicamentos ou das drogas lícitas e ilícitas na passagem do tempo. Ele poderia observar como um cidadão totalmente recuperado dos seus vícios, mas a camada visível, provavelmente, ainda poderia guardar cicatrizes de um envelhecimento precoce baseado no tabagismo. Ao expor o ator carioca Jorge Lafond, com óbito em 2003, Diao não considerou que o mesmo poderia ter feito intervenções estéticas em seu rosto, valorizando preenchimentos ou harmonizações faciais, comuns à atualidade. A sua imagem manipulada expõe um rosto envelhecido sem qualquer tratamento estético e até mesmo dermatológico (Figura 3). Por isso, é possível indagar que a obra de Diao é mais interessada na estética do que nas narrativas consequentes à manipulação digital,

<sup>4</sup> Disponível em: < <https://www.midjourney.com> > Acesso em: 29 maio 2023.



tencionando a percepção da imagem independente de uma camada estetizada e mais interessada na conceituação ou na comunicação, em contraposição à ideia de Walter Benjamin sobre o estado das imagens quando reproduzidas incessantemente, pois:

Com os diferentes métodos de reprodução técnica da obra de arte, sua exponibilidade cresceu tão violentamente que o deslocamento quantitativo entre os dois polos converteu-se em uma mudança qualitativa da sua natureza, mudança essa análoga a que ocorreu na pré-história. Assim como na pré-história, a obra de arte se tornou, por meio da ênfase absoluta depositada no seu valor de culto, sobretudo um instrumento de magia, reconhecida apenas posteriormente como obra de arte, hoje a obra de arte se transforma, por meio da ênfase absoluta depositada no seu valor e exposição, em um produto com funções inteiramente novas, das quais aquela que temos consciência, a artística, se destaca como uma função que posteriormente poderá ser reconhecida como acessória (BENJAMIN, 2017, p. 289).

Portanto, Diao oferta uma imagem que, apesar de reproduzida tecnicamente e baseada em tecnologias ainda em desenvolvimento, volta à fruição como instrumento de deleite e, até mesmo, curiosidade, apostando em surpresas que podem ter um caráter mágico em contraposição ao documental contestatório. Porém, para melhor abordando a disseminação das imagens de Diao, com o intuito de observar qual é condição dessa obra quando observada nas suas reproduções, trata-se agora do detalhamento da recepção da imprensa, destacando o que será falado sobre as suas manipulações digitais.

## CAMADAS FALADAS

Analisando as reportagens dos *websites*, identificou-se que, mesmo detalhando o seu processo criativo como já descrito, Diao foi tema de redações extremamente curtas, enxutas e mais baseadas na divulgação de suas imagens<sup>5</sup>. Algumas se quer eram acompanhadas de textos para além dos títulos. Quando exposto o artista conta, em resumo, sua aptidão para o uso do Photoshop, mas nunca é questionado sobre a presença da fotografia, do desenho, da pintura ou

---

<sup>5</sup> Conforme este exemplo:  
<<https://www.istoedinheiro.com.br/brasileiro-usa-ia-para-mostrar-como-seriam-figuras-historicas-nos-tempos-atuais>> Acesso em: 29 maio 23.



de qualquer outra técnica na sua formação profissional. Diao não é provocado a refletir sobre o cenário atual da tecnologia, seja diante das suas oportunidades para além da manipulação digital de imagens por meio de aplicativos com comandos específicos, seja pelos problemas que podem surgir a partir do seu uso indiscriminado. Como exemplo, poder-se-ia pensar no uso das inteligências artificiais durante as futuras eleições, com a reprodução de imagens falsas de candidatos para convencer eleitores de pautas positivas ou negativas.

Também não está no curto exercício do jornalismo diante de Diao, uma reflexão sobre as suas referências e pares da contemporaneidade, como o já citado Thomsen, o que impede refletir sobre as diferenças e semelhanças existentes perante exercícios artísticos relacionados. Perde a crítica, mas também perde a oportunidade de imaginar a curadoria das manipulações de Diao, essas que são fundamentalmente demandadas em quantidades e variações nas reportagens. As séries do artista, que não são chamadas assim pelos jornalistas, muitas vezes geraram mais de uma notícia por veículo, mas o conteúdo textual foi o mesmo ou estava suprimido<sup>6</sup>. Destaca-se, também, que as imagens não são expostas em alta qualidade, permitindo um detalhamento visual, por meio de zoom, uma vez que isso não é cobrado ao artista e não está presente nas redações. Tal oferta da ampliação das imagens está disponível em *websites* de casas de leilão de obras de arte, como a Christie's<sup>7</sup> e no Google Arts & Culture<sup>8</sup>, o que pode levar a entender que o interesse na reprodução aprofundada das imagens está ainda relacionado às maiores instituições, principalmente aquelas que detém recursos para investir em tecnologia, seja porque são patrocinadas ou por que estão envolvidas na comercialização das obras de seus acervos.

Diao também não é perguntado sobre o futuro do seu trabalho, suas ideias para a sustentação da audiência no Instagram e a ampliação do seu exercício para recursos em vídeo ou outras mídias que envolvam a reprodução de manipulações digitais, como publicações impressas. O artista também não conta o desejo de expor suas imagens presencialmente ou é abordado sobre as mostras que já tenha realizado. Com isso, nesse relato sobre a relação de Diao com o

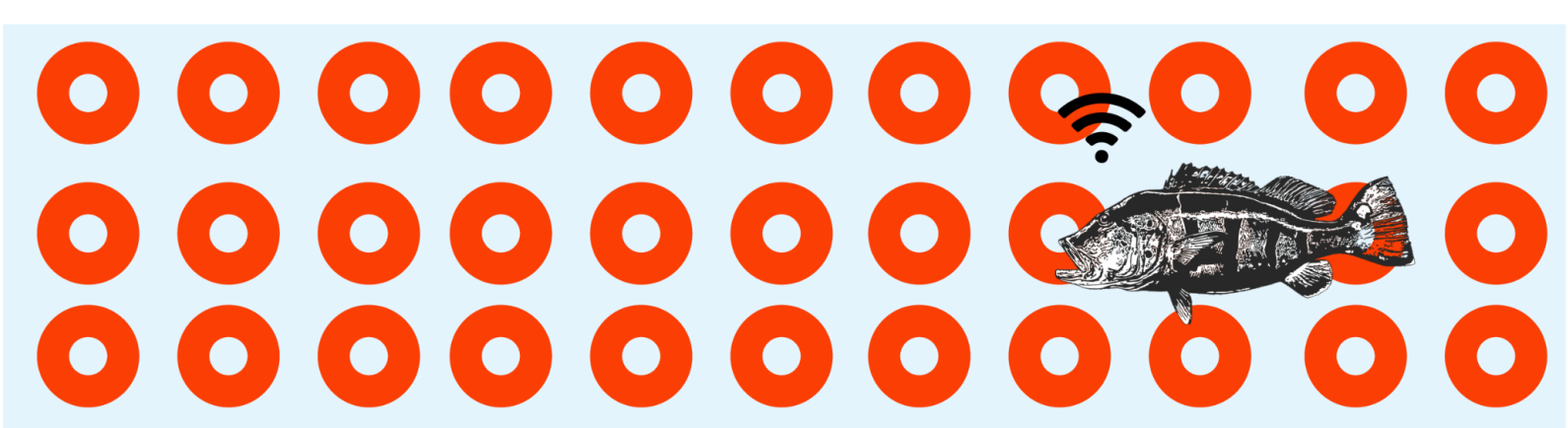
---

<sup>6</sup> Conforme este exemplo:

<<https://www.uol.com.br/tilt/album/2022/02/23/artista-digital-brasileiro-recria-visual-de-personalidades-historicas.htm?foto=9>> Acesso em: 29 maio 23.

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.christies.com/>> Acesso em: 29 maio 23.

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/>> Acesso em: 29 maio 23.



jornalismo, fica sugerido que o interesse da imprensa é claramente voltado para a camada visível, evidente e imediata dos trabalhos disponíveis, cabendo curtíssimos momentos de elaboração sobre o processo criativo do artista. Já a sua biografia em relação à história da arte e técnicas não interessou aos veículos. Evidentemente, a divulgação conquistada por Diao apoia o seu crescimento no Instagram e permitiu que ele fosse contratado<sup>9</sup> por um dos veículos que o reproduziu, o *website* Bored Panda, oportunidade em que o artista apresenta suas últimas criações e o trabalho de outras pessoas, sem semelhança imediata com a sua própria obra.

A relação dos artistas com a imprensa é um tema de grande complexidade e envolve avaliar, justamente, as oportunidades e desperdícios às obras e ao artista. Nas palavras do importante nome da *pop art*, o estadunidense Andy Warhol:

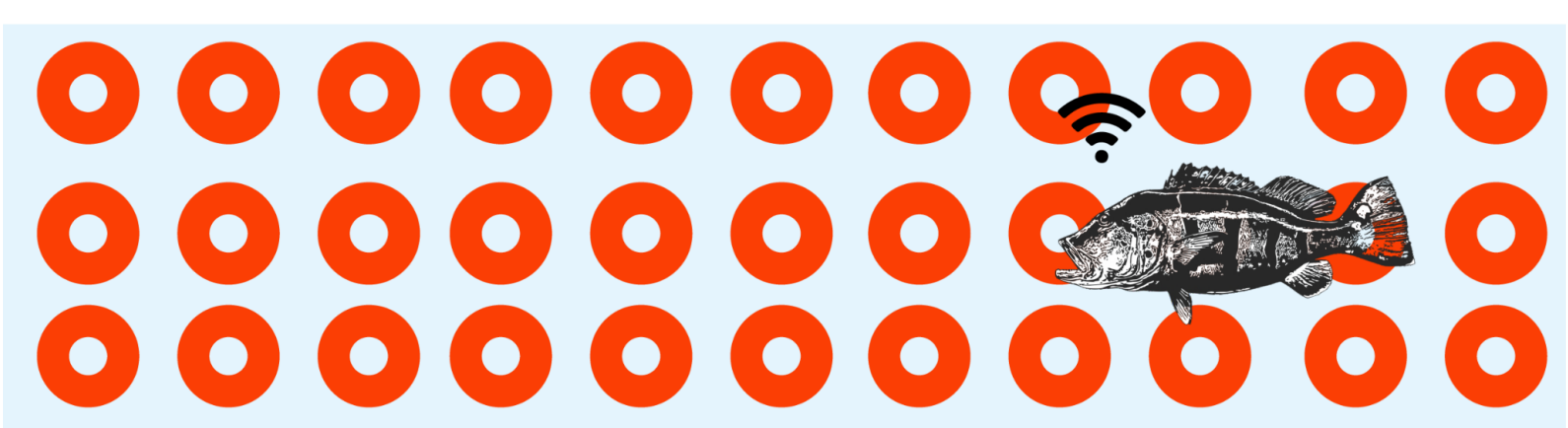
Para mim é confuso saber a quem pertence a imprensa. Sempre acreditei que, se o seu nome está na imprensa, então a imprensa devia pagar você. Porque é a **sua notícia** e eles pegam e vendem como um produto deles. Mas aí eles sempre dizem que estão ajudando você, e isso é verdade também, mas mesmo assim, se as pessoas não derem notícias à imprensa e se todo mundo guardar as notícias para si mesmo, a imprensa não terá notícias. Então acho que um devia pagar para o outro. Mas ainda não entendi tudo isso direito (WARHOL, p. 94, 2008).

Ao suscitar as palavras de Warhol, fica necessário registrar o comentário de Arthur Danto sobre a teorização da arte e a sua capacidade de tornar o conceito de arte possível, num contexto pós-Segunda Guerra Mundial e até os dias de hoje, em que as obras são desenvolvidas com materiais desconectados dos insumos mais tradicionais, como as tintas a óleo ou o bronze, e direcionadas à reflexão conceitual perante a vida. Tais obras podem ter relação com o exercício de Diao, uma vez que o artista aproxima a arte da realidade, tanto pelo envelhecimento quanto pela materialização de outros materiais na anatomia humana, mas, principalmente, tensionam a ideia de que a obra desse artista pode ser imediatamente defendida como obra de arte, discurso que não é capitaneado ou negado pela imprensa:

O que, afinal de contas, faz a diferença entre uma caixa de *Brillo* e uma obra de arte consistente de uma caixa de *Brillo* é uma certa teoria da arte. É a teoria que a recebe no

---

<sup>9</sup> Com informações de: <<https://youtu.be/uHOk33jAPdo>> Acesso em: 29 maio 23.



mundo da arte e a impede de recair na condição do objeto real que ela é (num sentido de é diferente do da identificação artística). É claro que, sem a teoria, é improvável que alguém veja isso como arte e, a fim de vê-lo como parte do mundo da arte, a pessoa deve dominar uma boa dose de teoria artística, assim como uma quantidade considerável da história da recente pintura nova-iorquina. Isso poderia não ter sido arte cinquenta anos atrás. Mas, então, não poderia ter havido, se tudo permanece igual, seguro de voos na Idade Média ou borrachas para máquinas de escrever etruscas. O mundo tem que estar pronto para certas coisas – o mundo da arte não menos do que o real. É o papel das teorias artísticas, hoje como sempre, tornar o mundo da arte e a própria arte possíveis. Nunca ocorreria, devo pensar, aos pintores de Lascaux que eles estavam produzindo arte naquelas paredes. Assim como não havia estetas no Neolítico (DANTO, 2006, p. 24).

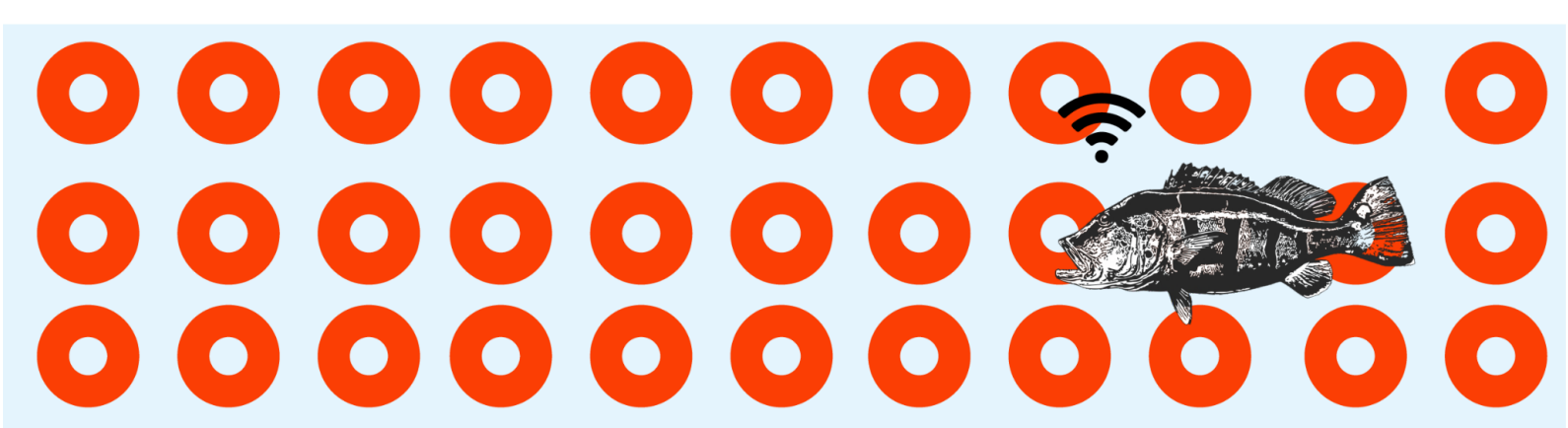
Entretanto, a atividade de Diao não parece relacionada a questões que fogem das narrativas já apontadas, pois o artista vem produzindo as suas imagens com um comprometimento à repetição das mesmas ideias, com variações dos mesmos temas, o que não precisa ser visto como redundância e, sim, como parte de seu processo criativo. Mas não é possível comparar as manipulações encontradas no Instagram de Diao com os retratos da estadunidense Cindy Sherman, já que ela é:

Simultaneamente sujeito e objeto da sua obra, escapando assim aos papéis tradicionalmente associados ao gênero, que se refletem na mulher passiva e no homem ativo, por exemplo, e desconstruindo, além disso, por completo a ilusão de identidades estáticas (DABROWSKA-DIEMERT, 2016, p. 614).

Sherman também transita entre o uso da maquiagem, do figurino e do audiovisual diante do campo fotográfico, revisando as hierarquias postas entre as estruturas produtivas das técnicas e entre elas. Também não é viável tratar a obra de Diao como se critica as manipulações digitais do panamenho Richard Prince, artista também interessado na combinação de mídias a partir da fotografia, além da própria associação fotográfica em um mesmo plano de visualização, sem pudor de usar o imaginário popular em função da construção de novas narrativas e homenagens às anteriores, uma vez que ele:

as transformações culturais da realidade e, em especial, os mitos triviais e sem valor da cultura do cotidiano dos EUA, estas ficções tentadoras para quase todos, correspondem para aquilo que é verdadeiramente factual na realidade marcada pelo consumo mediático. As suas repetições de imagens isolam-nas emolduram-nas e elevam-nas, fazendo assim sobressair subtextos de codificação social (STREMMEL, 2016, p. 616).



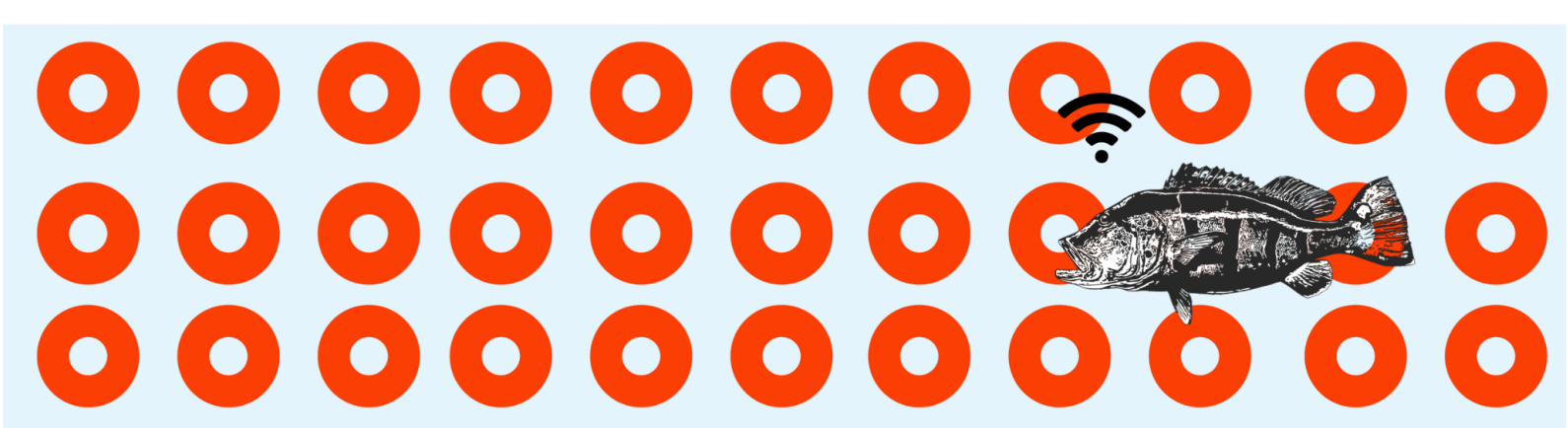


Salienta-se que isso se dá pelo estado atual da elaboração de Diao, mas é justamente o jornalismo que não o confronta que abre precedentes para imaginar um maior desejo pela manutenção da abordagem já consolidada, pelo artista, uma vez que ele não é questionado sobre as implicações sociais do seu exercício, ao longo dos paradigmas existentes na história humana, seja em relação ao consumo, aos modismos ou aos dilemas do uso das tecnologias da atualidade. Isso pode estar em preparo, mas não está presente na camada falada oriunda da soma da imprensa com Diao.

Ainda cabe refletir sobre como o esvaziamento do discurso da imprensa e o desinteresse pelo futuro do artista trazem à tona a dependência de uma crença que faz o público apostar na validade da relevância das imagens. Crédito que pode não ser o suficiente ou se quer existir, num período de gigantesca produção de imagens digitais, manipuladas ou não, a partir do já apresentado Midjourney, por exemplo. Tal crença também tem relação com o estado atual das imagens, conforme já caracterizado por Danto, e que tem ressonância na validação até mesmo das imagens que ocupam espaços institucionais:

Outra consequência, complementar às anteriores, é que essas imagens, que não são estritamente artísticas, só podem ser compreendidas se já estivermos dispostos a acreditar que podem ser obras de arte e que, portanto, devemos lidar com elas com um grau elevado de envolvimento sensível e emocional. Na arte anterior essa disposição também é necessária, mas permanece implícita na maioria dos casos, porque as obras apresentam marcas bastante evidentes que as caracterizam como obras de arte. São telas, esculturas, têm molduras e pedestais. Hoje, ao contrário, somos obrigados a apostar de antemão no caráter estético daquilo que encontramos em museus e galerias. Isso porém não significa que assinemos um cheque em branco. Os objetos propostos como obras de arte podem não responder a nosso envolvimento e regredir a meras coisas (MAMMÌ, 2012, p. 27).

Se o pedestal apontado por Mammì tem fragilidade na contemporaneidade, tomando contorno de crise, o que restaria à manipulação digital de um artista que é demandando pela imprensa a partir dos mesmos questionamentos? Haverá boa vontade o suficiente do público para lidar com uma resumida redundância dos textos que acompanham as imagens ou das próprias obras? Ainda é indagável – de quanto público e de quanto retorno de público um artista com esse



perfil precisa?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vik Muniz, artista brasileiro, aponta que:

Sempre que penso em mim, o faço por meio de uma imagem. Uma imagem residual, uma amálgama visual compreendo não somente todas as vezes que vi minha face no espelho ou em fotografias, mas também cada uma das vezes em que acessei, com base na minha memória, esses retratos e reflexos. Uma imagem holográfica, mutável e indefinida como uma enorme e crescente pilha de peças individuais que, acredito, se interligadas, abrangeriam com nítida lucidez a essa essência do meu ser, mas que, por falta de tempo, de iniciativa ou por pura preguiça, na maioria das vezes prefiro deixar como estão (MUNIZ, 2015, p. 10).

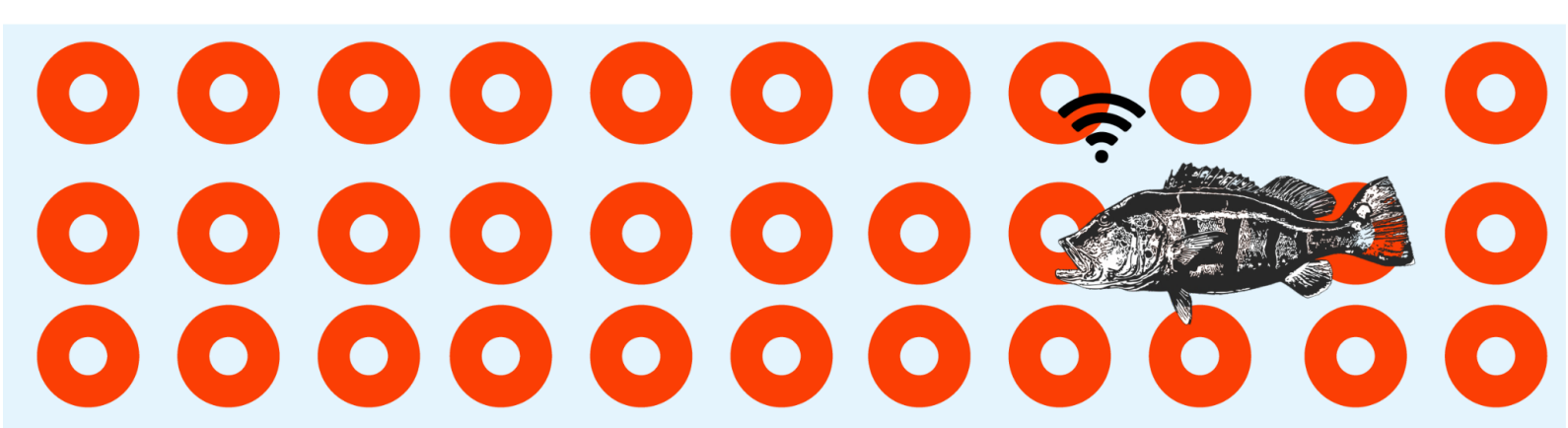
Tal comentário pode lembrar o processo criativo descrito por Diao, mas, especialmente, recorda que Diao não se autorretratou até o momento. Em nenhuma das suas séries, mesmo trabalhando somente com retratos, quase diariamente. Essa curiosidade pode ser substituída pelo envolvimento emocional do artista com o seu trabalho quando ele é engajado em causas sociais ou na elaboração de retratos de pessoas comuns, como identificado em algumas postagens específicas no Instagram<sup>10</sup>. Isso também acontece na série em que ele apresenta o resultado do envelhecimento de crianças desaparecidas, com o intuito de apoiar investigações policiais (não fica registrado pelo artista se a polícia demandou o trabalho e se o usa nos seus procedimentos). O artista também participa de homenagens, como nos retratos realizados dos jovens mortos no incêndio da Boate Kiss, em Santa Maria (RS), em 2013, solicitados por um coletivo de sobreviventes da tragédia.

Essas e outras ações expõe melhor a relação do artista com as suas imagens, sem depender dos enredos de reportagens. É interessante imaginar que é na expansão de assuntos já estabelecidos que o artista reflete sobre o seu exercício, pois é justamente essa capacidade de contornar o mesmo eixo narrativo que tem o permitido alimentar os desejos de um jornalismo

---

<sup>10</sup> Conforme visto em:

<<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/apos-pedido-emocionante-artista-usa-inteligencia-artificial-para-imaginar-como-seria-homem-morto-ha-34-anos.phtml>> Acesso em: 29 maio 23.



que parece viver uma crise de aprofundamento, criatividade e interesse. Diao parece se bastar criativamente como atende às demandas da imprensa, sem maiores esforços e agindo naturalmente.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: DUARTE, Rodrigo (Org). *O belo autônomo: textos clássicos de estética*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017. p. 277 – p. 314.

DABROWSKA-DIEMERT, Izabela. *Cindy Sherman*. In: HOLZWARTH, Hans Werner (Org). *Arte moderna*. Tradução João Carlos Antunes Brogueira... [et al]. Colônia: Taschen, 2016.

DANTO, Arthur C. *O que é arte*. Tradução Rachel Cecília de Oliveira e Debora Pazetto. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2020.

MAMMÌ, Lorenzo. *O que resta: arte e crítica de arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MUNIZ, Vick. A vida como imagem. In: LAGO, Pedro Corrêa do (Org). *Vik Muniz: tudo até agora*. Rio de Janeiro: Capivara editora, 2015. p. 10 – p. 13.

STREMMEL, Kerstin. *Richard Prince*. In: HOLZWARTH, Hans Werner (Org). *Arte moderna*. Tradução João Carlos Antunes Brogueira... [et al]. Colônia: Taschen, 2016.

WARHOL, Andy. *A filosofia de Andy Wahrol: (de A a B e de volta A)*. Tradução José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2008.

### **Como citar este texto:**

ALCÂNTARA, Thiago J. S. Camadas visíveis e faladas: os retratos digitais de Hidreley Diao. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA e SEMINÁRIO DE ARTES DIGITAIS, 8, 2023, Belo Horizonte. *Anais do 8º Congresso Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia e Seminário de Artes Digitais 2023*. Belo Horizonte: Labfront/UEMG, 2023. ISSN: 2674-7847. p.1-11.